

# Comentário ao livro de A. Portugal, *O Sistema Monetário Internacional*

João Sousa Andrade

29 de Novembro de 2015

## Conteúdo

<b>1</b>	<b>O alvo do livro e o seu conteúdo</b>	<b>2</b>
<b>2</b>	<b>Das moedas nacionais e da sua circulação internacional</b>	<b>3</b>
<b>3</b>	<b>Do poder económico e das moedas internacionais</b>	<b>5</b>
<b>4</b>	<b>7 e 8 de janeiro de 1976 em Kingston, Jamaica</b>	<b>6</b>
<b>5</b>	<b>De volta finalmente ao livro</b>	<b>7</b>

É com grande prazer que estou nesta mesa a comentar o livro de um colega, do António Portugal Duarte. Foi meu aluno, há já uns bons anos, e é hoje um colega com quem tenho mantido colaboração estreita. Está de parabéns a Faculdade de Economia pela edição deste interessante, útil e competente livro sobre o SMI.

Devem ter algum cuidado com os meus comentários. Em primeiro lugar sou um apaixonado pelo estudo da “moeda” e em segundo lugar sou amigo do autor.

## **1 O alvo do livro e o seu conteúdo**

O livro tem como sub-título, “Uma Perspetiva Histórico-Económica”. Trata-se de ver o SMI ao longo dos tempos, conhecer a sua evolução, as regras e normas de funcionamento, e a racionalidade que ditou esta evolução. O conteúdo e a forma usada pelo autor ao longo do livro parecem-me perfeitamente adequados e criadores de curiosidade e interesse para o leitor.

Quando um livro é publicado o seu autor tem dois momentos que se sucedem a uma velocidade vertiginosa: o da auto-satisfação pela obra no seu sentido material e intelectual e o de “coçar a cabeça” por aquilo que gostaria, ou deveria, ainda lá ter colocado. Este segundo momento é hoje facilmente resolvido com a rede de comunicação que a internet nos põe à nossa disposição. Ou seja, podemos ter uma página sobre o livro que publicamos e atualizar o nosso livro, dar-lhe uma vida para além do tão

desejado papel. Dialogar com quem se interessa por estes temas e os autores e docentes gostam de dialogar com quem os lê.

## **2 Das moedas nacionais e da sua circulação internacional**

A moeda foi criada de forma não intencional. A racionalidade das trocas e do aumento de bem-estar que a moeda gerou estão na base da sua “descoberta”. A produção não poderia aproveitar todos os benefícios da divisão do trabalho sem moeda. As sociedades ficariam pela criação de um excedente (usando uma expressão cara à economia clássica e ao marxismo) muito limitado. O espontâneo engenho humano criou a moeda.

A moeda é a representação abstrata dos direitos de propriedade privada. E ao tê-lo entroncamos nos aspetos institucionais aos quais está indubitavelmente ligada. Aspetos nacionais e internacionais. Por facilidade dividimos estes aspetos em “nacionais”, em primeiro lugar, e depois em “internacionais”. Mas isto corresponde apenas a uma simplificação de exposição. Apenas quando os estados nacionais se começam a impor a “moeda” passou a ser mais um assunto interno que internacional.

Príncipe, bandeira, moeda e defesa das fronteiras fundiram-se no processo de identificação da moeda e da sua criação. A moeda acabaria apropriada pelos governos como sendo sua criação. Ainda hoje, a identificação nacional é importante. Não são os Beatles que estão na Libra mas a Rainha

de Inglaterra, e os Beatles são de longe mais conhecidos e apreciados que a “senhora rainha”. As notas argentinas com a ponte que a liga a Argentina ao Uruguai cuja foto foi tirada do lado do Uruguai, foram retiradas da circulação pela ditadura argentina, porque eram uma ofensa à pátria argentina.

A confiança é essencial à aceitação (aceitabilidade) e por isso à existência de uma moeda, isto do ponto de vista nacional. Do ponto de vista internacional, no mundo dos estados-nações, a moeda existe como realidade nacional. Enquanto a questão do poder ao nível da Nação está definido o mesmo não acontece ao nível internacional.

O padrão-ouro internacional poderia ser o sistema mais neutro do ponto de vista internacional, na sua relação com as potências económicas e financeiras. A mútua desconfiança entre Estados valorizava um padrão com um valor independente de políticos e políticas e ao mesmo tempo não esqueçamos que a guerra e a defesa das fronteiras não se fazia com papel insolvente. Colbert via nele, no ouro, a garantia e a defesa última da sobrevivência dos Estados. A ausência de flexibilidade do padrão-ouro matou-o. Seja a nível nacional ou internacional a emissão de moeda tem de ser elástica sob pena de soçobrar, o padrão-ouro não responde a essa condição.

### **3 Do poder económico e das moedas internacionais**

O mundo, grosso modo, na nossa visão ocidental, até à primeira GG era o mundo da armada inglesa, toda poderosa, e do esterlino, todo poderoso. O Reino-Unido acabaria por não cair insolvente devido ao apoio financeiro norte-americano. Pode um país sem meios financeiros e sem oferta de ativos financeiros e reais emitir uma moeda de uso internacional? Esta pergunta é equivalente a saber de que depende a procura de uma dada moeda, ao nível internacional. E a resposta é clara: não, a era do esterlino tinha passado! Keynes teve a pretensão de esconder o sol com a peneira. O imperialismo inglês tornava-se o defensor da equidade nas trocas internacionais a favor da manutenção do esterlino como moeda de troca. A criação da moeda de conta *bancor* não era mais que a concessão para a continuidade nos pagamentos do esterlino. Lembremos que a inércia de comportamentos levou a que apenas em 1964 o dólar norte-americano fosse mais usado que a libra esterlina nas trocas internacionais.

O sistema monetário internacional não evoluiu como os ingleses o desejavam. O dólar era tão bom como o ouro, para quê escolher outro sistema que não o dólar com convertibilidade em ouro para bancos centrais? O reconhecimento posterior de um mundo monetário tripolar, com o dólar o marco e o iene, mostrava a diluição do poder norte-americano, mas não o aparecimento de um novo poder económico internacional. O FMI cumpria

a sua missão de disciplinar os que precisavam dele, a sua tarefa de *watchdog* do sistema era bem parcial. O ouro quase acabou em Fort Knox, o nacionalismo francês ajudou, e o dólar perdeu o que restava da sua convertibilidade.

## **4 7 e 8 de janeiro de 1976 em Kingston, Jamaica**

O tão precioso metal que tinha dado o poder monetário e financeiro aos EUA levava afinal estes a pedirem a saída sem glória do sistema criado por si e para si: assistimos em Kingston à desmonetarização total do ouro. Entretanto, os EUA foram pagando, e pagam, o seu déficit de pagamentos externo imprimindo “à vontade” o seu “papel verde” com o qual compram bens e serviços e participações de capital.

No novo sistema, de forma sintética, apenas fica a regra da *não manipulação da moeda por razões de competitividade*. Que quer isto dizer? De forma muito simplificada, mais uma vez “são todos iguais, mas uns mais que outros”. Quais são afinal as penalizações do não cumprimento?

A Organização Mundial do Comércio zela pelas regras de concorrência no mercado de bens. O FMI pela liberdade dos movimentos de divisas e de capitais. Mas a manipulação dos valores de uma moeda relativamente às restantes é interdita de que forma? Afinal que regras existem? Se é que existem. O Brasil, por ser o Brasil, impôs o controle de movimentos de capitais para impedir a apreciação da sua moeda. O Renminbi ao ser aceite

muito recentemente como moeda de reserva pelo FMI desvalorizou-se! A China acumula excedentes externos. Por esta última leitura a sua moeda está artificialmente desvalorizada. Mas afinal, como moeda de reserva, está sobrevalorizada!

Sabemos de há muito que é complicado determinar com alguma precisão o valor de uma divisa, ou valor de equilíbrio de uma moeda. A teoria económica diz-nos justamente isso. A valorização do Iene em 100% de 1985 a 1988, no seguimento dos Acordos do Plaza, diz-nos que a dimensão política nunca poderá ser esquecida e que pode mesmo ser esmagadora.

## **5 De volta finalmente ao livro**

Este pequeno livro do A. Portugal vem colmatar uma lacuna na oferta de livros em português sobre este tema. O livro deveria ser lido pelos estudantes de economia, de gestão e de relações internacionais. A formação destes estudantes no tema da evolução do sistema monetário internacional fica garantida com esta leitura proposta por A. Portugal. Temos algumas traduções, mas já datadas. Os diferentes períodos estão aqui tratados de forma exemplar nas suas diferenças: o padrão-ouro, o “impossível” padrão divisa-ouro, o sistema de Bretton Woods que coincide, não o esqueçamos, com os *tinta gloriosos*<sup>1</sup> e finalmente a “experiência de integração europeia”. E reforço a designação “experiência”. A natureza trans-disciplinar

---

<sup>1</sup>Jean Fourastié, Les Trente Glorieuses, ou la révolution invisible de 1946 à 1975, 1979

do livro assenta em alicerces coerentes da teoria económica.

O livro não avança para a actual crise do SME, não porque a história feita por um economista não deva olhar para o futuro, mas a situação de crise e de forte instabilidade em termos de crescimento e de razoável contexto institucional não deve levar a misturar a leitura do que tivemos e aceitamos como bem assente com a polémica sobre o presente e futuro. O livro perderia em coerência e objectividade se o autor tivesse avançado para uma perspectiva de futuro sobre o actual sistema. Finalmente o livro termina com uma valiosa cronologia do SMI.

Estão de parabéns o autor e o editor por esta obra.